

## O DISCURSO DA VIOLÊNCIA URBANA NO JORNALISMO POTIGUAR

Ricelle Fernandes Queiroz TINTIN

Adriano Lopes GOMES

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo analisar como a mídia potiguar, mais especificamente a mídia jornalística na cidade do Natal/RN, manipula e constrói um discurso da violência urbana atrelada à criação de um imaginário de medo e insegurança generalizado, além de reforçar determinados estereótipos sociais. Tal análise será realizada por meio da apreciação de uma amostra de notícias veiculadas no portal jornalístico online “Tribuna do Norte”, no período compreendido entre 1º de junho e 31 de julho de 2015, e que abordam a violência urbana no contexto da sociedade potiguar. Para analisar esse discurso, nos embasaremos primordialmente nas teorias do jornalismo de Pena (2008) e Traquina (2005), bem como na teoria da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, em especial no enfoque dado pelos autores Foucault (1999, 2008), Pêcheux (1969, 1997) e Orlandi (2005). Desse modo, o estudo nos permitirá observar como a mídia constrói uma realidade pautada por valores próprios que se difundem na sociedade mediante seu alto poder de influência perante as pessoas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso. Violência urbana. Jornalismo. Poder.

## THE DISCOURSE OF URBAN VIOLENCE IN POTIGUAR JOURNALISM

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze how the Potiguar media, specifically the news media in the city of Natal/RN, manipulates and constructs a discourse of urban violence linked to the creation of an imaginary fear and generalized insecurity, in addition to reinforce certain social stereotypes. Such analysis will be conducted through the examination of a sample of news published in the online newspaper portal "Tribuna do Norte", in the period between June 1 and July 31, 2015, and that address urban violence in the context of Potiguar society. To analyze this discourse, we will base primarily on journalism theories of Pena (2008) and Traquina (2005), as well as the theory of discourse analysis (AD) of French approach, especially in the emphasis given by the authors Foucault (1999, 2008) Pêcheux (1969, 1997) and Orlandi (2005). Thus, the study allowed us to observe how the media constructs a reality punctuated by own values that diffuse in society through its high power of influence towards people.

**KEYWORDS:** Discourse analysis. Urban Violence. Journalism. Power.

## EL DISCURSO DE LA VIOLENCIA URBANA EN EL PERIODISMO POTIGUAR

**RESUMÉN:** En este artículo se pretende analizar cómo los medios de comunicación Potiguar, específicamente los medios de comunicación en la ciudad de Natal/RN, manipula y construye un discurso de la violencia urbana vinculada a la creación de un miedo imaginario y la inseguridad generalizada, además de reforzar ciertos estereotipos sociales. Dicho análisis se llevará a cabo a través del examen de una muestra de la noticia publicada en el portal de periódico en línea "Tribuna do Norte", en el período comprendido entre el 1 de junio y 31 de julio de 2015, y que aborden la violencia urbana en el contexto de la sociedad Potiguar. Para analizar este discurso, fundamentaremos principalmente en las teorías de periodismo Pena (2008) y Traquina (2005) y la teoría del análisis del discurso (AD) de la línea francesa, sobre todo en el enfoque adoptado por los autores Foucault (1999, 2008) Pecheux (1969, 1997) y Orlandi (2005). Por lo tanto, el estudio nos permitirá observar cómo los medios de comunicación construyen una realidad marcada por valores mismos que se difunden en la sociedad por medio de su alto poder de influencia para las personas.

**PALABRAS-CLAVE:** El análisis del discurso. Violencia urbana. Periodismo. El poder.

### 1 INTRODUÇÃO

A violência urbana é uma temática que há muito nos chama a atenção, não só pelo clima de medo e insegurança que ronda as médias e grandes cidades como pelo fato de tratar-se de assunto vinculado ao nosso cotidiano. Reflexo disso é a atual condição em que as pessoas vivem, cuja sensação de medo as faz virarem reféns de ambientes fechados e reduzirem suas interações sociais, ocasionando uma verdadeira segregação em função de estereótipos criados que denigrem determinados grupos ou regiões periféricas.

Apesar da repulsa que a temática da violência causa à primeira vista, já que se trata de assunto que representa um alto valor negativo, o fato é que a violência, nas suas mais diversas modalidades, sempre esteve presente na vida em sociedade. O pesquisador Odália (2004, p. 9) já nos afirmava que “o viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está presente, ela sempre aparece em suas várias faces”.

Dentre as várias facetas da violência, a que nos atentamos em analisar diz respeito à violência original, aquela relacionada à agressão física, uma violência palpável e que nos causa medo, já que atinge nossos corpos, nossos bens e aqueles que mais amamos. É esse clima de violência cotidiano que nos atemoriza e é reforçado constantemente pelo meio midiático, causando uma sensação de banalização e impunidade.

Especificamente na cidade do Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, e nas cidades em seu entorno, a violência urbana tem apresentado índices crescentes e nada animadores. Alguns indicadores recém-noticiados, tal qual o “mapa da violência<sup>1</sup>”, apontam o RN na quarta colocação entre os estados brasileiros com maior número de ocorrências de assassinatos de jovens na faixa etária entre 16 e 17 anos.

Para fins do presente estudo, tomamos como referência um *corpus* constituído de notícias extraídas de portal de notícias *on-line* acerca da temática em questão. Nosso recorte, portanto, se delimitará ao portal jornalístico “Tribuna do Norte”, por estar entre os portais de notícias mais acessados<sup>2</sup> e de maior visibilidade no âmbito da cidade do Natal, com notícias publicadas no período compreendido entre 1º de junho e 31 de julho de 2015.

Desse modo, partimos do ponto de vista das teorias do jornalismo, que abordam o jornalismo e o poder, e das perspectivas da análise do discurso (AD) francesa, que discorrem acerca das relações entre discurso, ideologia e poder. A partir desse referencial teórico, o artigo pretende verificar de que modo as mídias constroem um discurso da violência que denota estereótipos relacionados às vítimas e às configurações urbanas, como elas exercem nitidamente um poder diante daquilo que afirmam, e que efeitos isso causa na sociedade.

## 2 DISCURSO E IDEOLOGIA: COMPONENTES DE UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA

Entendida como a junção do linguístico ao social, a análise do discurso (AD) francesa surge nos anos 1960 com o objetivo de refletir sobre a linguagem a partir de uma proposta ampla que se utiliza dos pressupostos de outras áreas para dar suporte à interpretação linguística. Os principais teóricos a desenvolverem essa metodologia foram Pêcheux (1969), que se preocupou em articular o político, a ideologia e os sentidos na construção do discurso, e Foucault (2008), que conceitua discurso como prática social.

Para a teoria da AD a preocupação central de toda análise é a de entrever os sentidos ocultos do texto, desvirando os discursos a partir do contexto no qual são proferidos. Em

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://www.mapadaviolencia.org.br/>

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.rankingdesites.com.br/>

outras palavras, os analistas do discurso supõem “que um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível.” (MAINGUENEAU, 1993, p. 11).

Em linhas gerais, essas técnicas se constituem em métodos que investigam a relação entre a produção discursiva e o seu exterior, entendido aqui como as condições e interdiscursos que permeiam e influenciam a produção de um texto. É com esse enfoque que a AD se utiliza dos mais diversos campos para conseguir extrair a compreensão do texto, dada a complexidade da língua. Brandão (2004) já nos afirmava o seguinte:

Essa visão da linguagem como interação social, em que o Outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social. (BRANDÃO, 2004, p. 8)

Nesse sentido, uma das principais características da AD é a de aliar o linguístico ao sócio-histórico, analisando o discurso e a ideologia, e verificando, dentre outras coisas, como se estabelecem as relações de poder a partir de determinados textos. Podemos determinar que os principais conceitos ou núcleos para o entendimento da AD são dois: *ideologia* e *discurso*.

Antes de analisarmos o que representa ideologia para a AD, faz-se importante situarmos a noção de sujeito para os teóricos da área. Nessa perspectiva, o sujeito é observado com um ser cindido e interpelado diretamente pelos discursos anteriores que lhe antecedem, sem os quais não conseguiria construir seu próprio discurso. Em outras palavras, o sujeito perde a noção de centralidade no “eu” ou no “tu”, passando a ocupar um espaço central entre os dois. Segundo BRANDÃO (2004, p. 76): “(...) o centro da relação não está nem no *eu* nem no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. E o espaço dessa interação é o texto”.

Retomando essa noção de que todo discurso se produz a partir de outros já reproduzidos na sociedade, o campo de análise da AD valoriza o que se denomina de *memória discursiva*, que nada mais é do que esses *sentidos* já sedimentados na sociedade. Essa memória, por vezes retomada no intradiscurso, frequentemente sofre um apagamento decorrente de poderes relacionados às ideologias predominantes. Quando um determinado

discurso minoritário vai de encontro ao que as ideias majoritárias em determinada cultura apregoam, os discursos emanados das ideologias dominantes tentam apagar e se sobrepor àqueles. É o denominado efeito da homogeneidade discursiva.

Chegamos aqui ao primeiro núcleo da AD. A *ideologia*, entendida em uma concepção generalista como um conjunto de ideias ou pensamentos de um grupo ou indivíduo, para a perspectiva dos analistas do discurso representa muito mais do que isso, na medida em que serve enquanto definidora dos ideais das classes dominantes. Estamos falando aqui de uma concepção crítica da ideologia, a qual amplia a importância e a significação daquela acepção cotidiana do termo. Podemos afirmar que “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 1995, p. 76).

Nesse sentido, a ideologia serve como um modo de apagamento daquilo que não é considerado relevante, já que o que predomina é a ideologia da classe dominante. É a ideologia que constrói a realidade em que vivemos, na medida em que “a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2005, p. 48). Em outras palavras, a ideologia serve para resgatarmos as ideias e concepções que em determinado contexto irão subsidiar nossa interpretação de um determinado discurso.

Para a teoria Foucaultiana, existe uma clara ligação entre a construção ideológica e a verdade imposta pelos sistemas de poder existentes na sociedade. Como essa imposição é articulada a partir do discurso, podemos afirmar que a linguagem é um dos locais onde mais fortemente se materializa a ideologia.

Ao pensarmos na produção jornalística, foco de nosso estudo, não temos como nos abster de relacionar o discurso jornalístico a uma materialização ideológica por meio do uso da linguagem escrita. Na medida em que as notícias são produzidas por jornalistas que incutem em seus textos convicções e valores, não se concebe um texto jornalístico sem uma mínima carga ideológica ou valorativa. Devemos nos lembrar, inclusive, que até sua versão final o texto jornalístico passa por uma série de intervenções oriundas da estrutura do órgão midiático que

o produziu, o que potencializa o efeito de uma seleção pautada pelos ideais ideológicos daquele órgão, ou mais especificamente, daqueles que o controlam.

Nesse contexto, chegamos ao nosso segundo tópico nuclear. Dentre as inúmeras definições existentes, podemos conceituar *discurso* como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2008, p.132). Nessa visão, o discurso é um espaço de saber em que estão presentes as forças ocultas que determinam o que pode e o que não pode ser dito. Logo, o discurso está intimamente ligado à ideologia e ao poder.

Essa ligação é construída na medida em que temos a noção de que um discurso não se compõe de apenas um texto, mas sim de um conjunto de textos que se inter-relacionam e que estão de alguma maneira interconectados reforçando um certo pensamento ou ideologia. Por essa razão, Pêcheux (1969) nos afirmava:

(...) é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção. (PÊCHEUX, 1969, p. 79)

É, pois, da colocação de tais questões de onde vem o conceito de *formação discursiva* de Foucault (2008). Para ele, os discursos são uma dispersão, ou seja, são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade a priori, cabendo à Análise do Discurso descrever essa dispersão, buscando as “regras de formação” que regem a formação dos discursos.

Nessa mesma perspectiva, Pêcheux (1997) conceitua a formação discursiva como “aquilo que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada na conjuntura social”. (PÊCHEUX, 1997, p. 188). Disso podemos concluir que a conjuntura social influencia diretamente a produção discursiva, ditando as regras do jogo ao qual estamos submetidos e reforçando as posições dominantes em um embate no qual o discurso hegemônico predomina.

Na elaboração do discurso jornalístico, esse embate é exercido na construção discursiva das notícias, tendo em vista a característica que o jornalismo detém de selecionar e direcionar o que publica. É justamente essa característica da elaboração das notícias que vem sendo largamente utilizada por seus profissionais como elemento de manipulação por pressões externas e internas, contrariando sua essência, que é a de informar e promover a interação social. Quanto a isso Foucault (1999) afirma:

Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar o lugar – ou talvez o teatro muito provisório – do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8-9)

Ao relacionarmos o fato de que poucas empresas de comunicação de grande porte controlam as principais fontes de notícias, enquanto muitas outras apenas retransmitem e retextualizam esses mesmos textos, podemos perceber que realmente existe uma tendência de uniformização. O que observamos, portanto, é a manipulação em jogo, o uso do discurso das mídias para valorar aquilo que é de interesse da elite ou do discurso hegemônico vigente.

### **3 AS TEORIAS DO JORNALISMO E O PODER MIDIÁTICO**

Considerado um complexo trabalho produtivo, a elaboração das notícias é resultado de uma gama de fatores que ao final representam uma construção da realidade que é posta ao público. Nessa perspectiva, Sousa (2002) define as notícias como:

(...) artefatos linguísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e que resultam de um processo de construção e fabrico onde interagem, entre outros, diversos fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e do meio físico/tecnológico, que são difundidos pelos meios jornalísticos e aportam novidades com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural (ou seja, num determinado contexto), embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia. (SOUSA, 2002, p. 13)

Diante desse quadro, existem diversas teorias que tentam esclarecer a elaboração desses denominados artefatos linguísticos. Dentre elas, podemos destacar duas. A primeira seria a *teoria estruturalista*, que entende a construção da notícia enquanto um produto decorrente da ação dos seguintes fatores sociais: organização burocrática, que diz respeito aos padrões sistematizados adotados por cada órgão jornalístico; estrutura dos valores-notícia, que estabelece critérios para determinar o que deve ou não ser publicado; e momento de construção da notícia, que valoriza o contexto cultural como determinante das informações que irão ser de maior relevância e que chegarão a virar notícias propriamente ditas.

A segunda teoria, intitulada *teoria interacionista*, entende que “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2005, p. 180). Mais do que isso, essa teoria admite a existência de uma rotinização do trabalho no intuito de dar cabo desse processo de produção, o que gera inclusive, a dependência das ditas fontes oficiais, as quais se aproveitam dessa engrenagem para exercer o poder.

Na perspectiva das teorias do jornalismo observamos, portanto, que para um fato virar notícia precisa ser considerado como de relevância pelo profissional do jornalismo e pela ideologia predominante no meio de comunicação no qual desempenha suas funções. Ao se utilizar dessa engrenagem, os órgãos controladores e as fontes oficiais conseguem influenciar e dar o destaque que desejam àquilo que julgam ser relevante e de interesse. Desse modo, o que for mais interessante para os meios de comunicação passa também a ser para a comunidade, como uma espécie de valoração que é imposta de cima para baixo.

Além de selecionar as notícias, funcionando como verdadeiros filtros, os jornalistas responsáveis pela decisão do que vai ou não ser publicado em um determinado órgão midiático exercem um controle que reflete a linha editorial daquela empresa. Esse processo foi denominado de teoria do *gatekeeper* por David Manning White na década de 1950. Segundo Traquina (2005), na teoria da ação pessoal, ou teoria do *gatekeeper*:

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões”, que não são mais do que áreas de

decisão em relação às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo portão; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua morte, porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação. (TRAQUINA, 2005, p. 150)

Podemos dizer que, mais do que decidir o que vai ser noticiado ao público, o jornalista ou o *gatekeeper* é também o responsável pela escolha do modo como determinada notícia vai ao público. Fator que pode fazer toda a diferença para a opinião pública que é direta e constantemente influenciada pela mídia. Diante disso, Pena (2008) ressalta:

Revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender o seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade. Para isso, utilizo a perspectiva teórica do *newsmaking*, que considera o trabalho jornalístico a construção social da realidade. (PENA, 2008, p. 71)

Como observado, a construção da realidade decorre, dentre outros aspectos, também do trabalho da máquina midiática. É nesse ponto que várias teorias concordam ao afirmar que a mídia se alia dos poderes estabelecidos para repassar ao público o modo de pensar da elite predominante. Notamos o elevado poder exercido pela mídia. Ao citar duas das principais teorias que abordam o fazer jornalístico, Traquina (2005) destaca:

Assim, tal como a teoria estruturalista, a teoria interacionista defende que as notícias são um aliado das instituições legitimadas. (...) As fontes provêm sobretudo da estrutura do poder estabelecido e, por isso, as notícias tendem a apoiar o *status quo*. (TRAQUINA, 2005, p. 199)

Esse poder, emanado das fontes oficiais, assim como preconizado por Foucault (1999), é o resultado de uma engrenagem que trabalha em função da influência que a mídia exerce sobre a população. Como tal, as elites que estão por trás dos grandes órgãos de comunicação, por vezes se aproveitam dessa influência para divulgar e disseminar seus ideais e seus interesses. Esse poder que a mídia exerce é denominado de “Quarto Poder”, ainda que seja uma atribuição controversa.

Diante de tudo isso, resta demonstrado que o poder midiático é uma força marcante e presente no nosso cotidiano, e como tal contribui para a formação de ideias e pensamentos na

sociedade. Dentro dessa perspectiva de mídia jornalística enquanto construtora da realidade, bem como daquela perspectiva anterior de análise de discurso relacionada à ideologia e ao poder, nos ateremos no próximo tópico a exemplificar como essa força atua na construção do discurso da violência urbana na sociedade potiguar.

#### **4 O DISCURSO DA VIOLÊNCIA URBANA E O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DESSA REALIDADE**

Conforme observado nos capítulos anteriores, o discurso midiático possui um forte poder de influência perante a sociedade, e como tal tem grande parcela de responsabilidade na construção da realidade em que vivemos. Se nos dias atuais a sensação de violência é alarmante e percebemos nitidamente uma marginalização da periferia em função da imagem de violência que lhe é atribuída, a mídia contribui para reforçar esses parâmetros. No que diz respeito a essa realidade imposta, Fischer (2001) nos afirma:

Ora, a mídia, ao mesmo tempo que é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam – como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados “verdadeiros” em nossa sociedade -, também se impõe como criadora de um discurso próprio. (FISCHER, 2001, p. 212)

O fato é que a preocupação muitas vezes é mercantilista. Ocupada em espetacularizar os episódios de violência para atrair a atenção do grande público, nem sempre a mídia se pauta por princípios éticos e se preocupa com os efeitos causados por sua construção discursiva. O que observamos, portanto, é a manipulação em jogo, o uso do discurso das mídias para valorar aquilo que é de interesse do discurso hegemônico ou simplesmente defender e impor seus posicionamentos.

No caso da violência urbana, esse discurso não só reforça o lado negativo e a banalização do crime como cria estereótipos com a finalidade de chamar a atenção do público. Em nosso primeiro exemplo, podemos observar o impacto que a reportagem repassa ao leitor ao destacar o depoimento de um policial militar a respeito de episódio de assalto no bairro de Areia Preta. Vejamos o seguinte trecho:

**“O crime está mandando”, diz PM vítima de assalto**

“O sentimento é de impotência. O crime é que está mandando”. O desabafo é de um policial militar que foi vítima de uma tentativa de assalto na noite desta terça-feira (23) no bairro de Areia Preta, na zona Leste de Natal. De acordo com o PM, quatro criminosos o abordaram quando ele e família voltavam para casa e ele desconfia, inclusive, que o objetivo não fosse somente assaltá-lo. “Eles queriam me matar”, acredita o militar.

(Tribuna do Norte On-Line, 25/06/2015)

Em primeiro lugar, observamos o realce que é dado à opinião da vítima ilustrada no título da reportagem. Na verdade, o que ocorre é que o jornal assume para si essa opinião ao destacar esse trecho do depoimento. A ênfase na expressão “o crime está mandando” tem um forte apelo dramático, haja vista prenciar uma inversão de valores no qual o Estado sai de cena e quem assume o controle são os criminosos. Observamos, também, o destaque ao sentimento de impotência sentido pela vítima, elemento de um discurso de violência urbana que o jornal assume e repassa à sociedade de um modo generalizado. Esse mesmo sentimento pode ser observado nas seguintes reportagens publicadas no portal “Tribuna do Norte On-Line”. Vejamos:

**Violência passa a fazer parte da rotina de Parnamirim**

Ricardo Araújo - Repórter

Maria Francinete de Oliveira, autônoma, é mais uma trabalhadora que, pela terceira vez em seis meses, entra para as estatísticas da insegurança que assola a terceira maior cidade do estado, Parnamirim. Ao sair do supermercado, quinta-feira passada, ela foi surpreendida por dois adolescentes armados, que levaram, além do celular e cartões de crédito, a feira da semana que acabara de comprar. (...).

(Tribuna do Norte On-Line, 07/06/2015)

**Por insegurança, unidade de saúde fecha as portas**

No muro de entrada do Centro de Saúde Bela Vista, em Igapó, um aviso indica a insegurança vivenciada, atualmente, no entorno e dentro de prédios públicos em Natal. Na última terça-feira, às 13h30, 15 servidores e usuários foram vítimas da unidade foram vítimas de assalto. No impresso, fala-se nos momentos de “medo, pavor e terror” pelos quais essas pessoas passaram e anuncia uma reunião que os servidores da unidade de saúde farão, a partir das 8h de hoje. (...)

(Tribuna do Norte On-Line, 16/07/2015)

Nessas duas reportagens retiradas do portal “Tribuna do Norte On-Line” em ocasiões distintas, o jornal associa claramente a violência urbana em Natal e sua região metropolitana (na qual Parnamirim se insere) a um estado de calamidade e abandono sem precedentes por meio de uma construção discursiva que prioriza expressões que indicam uma violência iminente e banalizada. É o caso do uso das seguintes expressões ou vocábulos: “violência passa a fazer parte da rotina”, “insegurança que assola a terceira maior cidade do estado”, “medo”, “pavor” e “terror”. Ao selecionar esse vocabulário, fica nítida a intenção de construir um cenário de violência urbana dignos de uma guerra urbana, chamando a atenção do público e construindo uma realidade na qual a violência não teria mais limites em solo potiguar.

Destaca-se a quebra da rotina representada pela insegurança para se ir ao supermercado ou ao extremo de se fechar uma unidade de saúde pública por medo de assaltos. Ressalte-se ainda a apropriação dos vocábulos (“medo, pavor e terror”) destacados de um anúncio na porta de um estabelecimento fechado pela onda de assaltos, mediante o qual o jornal se apropria para reforçar esse sentimento de insegurança iminente. Vejamos a seguir notícia divulgada em tom de destaque no começo de julho de 2015:

#### **Rio Grande do Norte é o 4º em morte de adolescentes**

*Ricardo Araújo- Repórter*

Em uma década, conforme publicado ontem no Mapa da Violência, o Rio Grande do Norte saltou da 22ª para 4ª posição no ranking dos estados brasileiros com o maior número de adolescentes com 16 e 17 anos de idade assassinados. Em 2003, foram mortos 19 adolescentes com as referidas faixas etárias. Dez anos depois, o número subiu para 117, perfazendo um aumento de 560,2%. No período, a vitimização de adolescentes de 16 e 17 anos aumentou quase sete vezes no estado potiguar. Em 2013, do total de vítimas, 108 do sexo masculino e 9 do sexo feminino; 91 eram negros e 26 de outras etnias. A maioria deles foi assassinada por armas de fogo. A variação dos homicídios registrada no Rio Grande do Norte em uma década é considerada “drástica e inaceitável” pelos autores do estudo.

(Tribuna do Norte On-Line, 01/07/2015)

Notamos o realce que é dado pelo jornal aos dados divulgados pelo Mapa da Violência, os quais colocam o Estado do Rio Grande do Norte em posição de destaque nacional no que diz respeito à morte de menores entre 16 e 17 anos. Destaca-se ainda o fato da maioria serem do sexo masculino e negros. Esses dados negativos, constantemente divulgados pela mídia,

reforçam ainda mais o tom de calamidade e violência sem limites inseridos nessa realidade midiática criada no imaginário coletivo no que se refere à violência urbana em Natal e região.

Outro fator que merece ser destacado diz respeito aos estereótipos que se criam pela divulgação constante de notícias de violência urbana na mídia. Um claro exemplo aplicado à realidade da cidade de Natal é a violência simbólica que certos bairros considerados de periferia sofrem por terem uma imagem associada à violência e à marginalidade. Levando-se em consideração o poder que o discurso midiático detém na divulgação e propagação de ideias, não é difícil associarmos a má fama de determinados bairros a uma realidade criada e mostrada pelas mídias locais na medida em que ressaltam prioritariamente os aspectos negativos dessas localidades.

É o reforço daquela velha máxima segundo a qual a violência prevalece na periferia e nos bairros desfavorecidos, ainda que atualmente a violência atinja em menor ou maior grau toda a população. Em dissertação a respeito dessa temática, Araújo (2013) reforça nossa tese ao afirmar que “a violência, segundo os jornais analisados, possui um lugar comum e um agente-padrão: as regiões pobres, periféricas, habitadas pelas classes populares, bem longe de onde residem e circulam as classes mais altas da cidade. (ARAÚJO, 2013, p. 71)

A título exemplificativo, catalogamos todas as notícias coletadas para a construção de nosso *corpus*, mesmo daquelas que não figuraram dentre as escolhidas para análise e que não se relacionavam com nossa temática, para ter uma visão geral de como o portal jornalístico “Tribuna do Norte On-Line” retratou dois bairros da cidade de Natal: Ponta Negra (bairro nobre) e Bom Pastor (bairro periférico).

A seguir, quadros comparativo com o percentual de notícias relacionadas às principais temáticas que mencionavam esses dois bairros, e que foram divulgadas no período compreendido entre 1º de junho e 31 de julho de 2015:

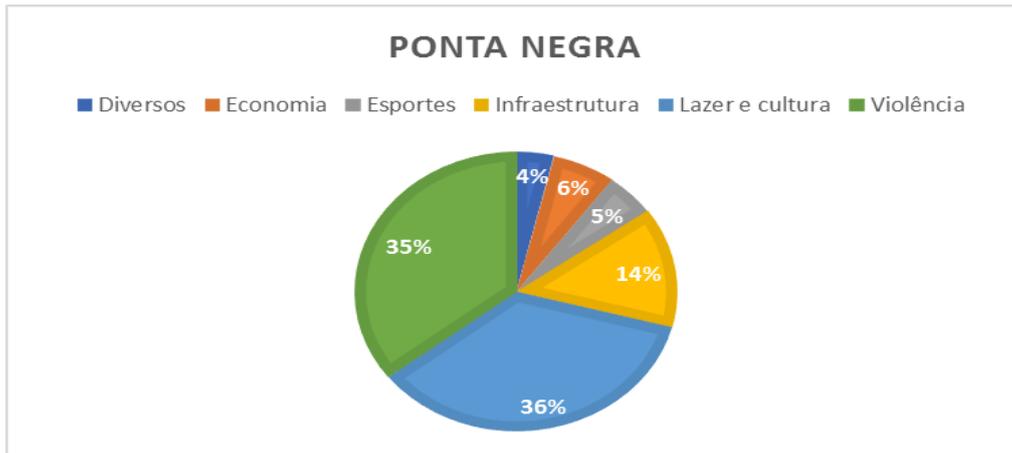


Figura 01 – Notícias divulgadas relacionadas ao bairro Ponta Negra  
Fonte: Autoria própria

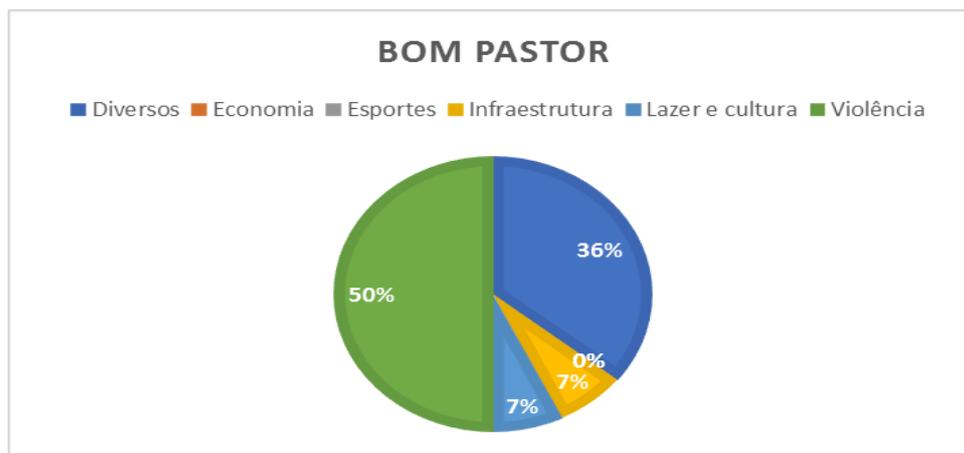


Figura 02 – Notícias divulgadas relacionadas ao bairro Bom Pastor  
Fonte: Autoria própria

Observamos que as notícias com a temática da violência são muito mais expressivas quando relacionadas ao bairro Bom Pastor, representando 50% das notícias veiculadas naquele intervalo temporal, ao passo que o bairro Ponta Negra possui um percentual de notícias relacionadas à violência em 35%. Destaque-se ainda que o segundo colocado em termos de quantitativo de notícias no bairro Bom Pastor esteja relacionado a assuntos “diversos”, geralmente relatando problemas da comunidade, dentre outros. No bairro Ponta Negra o segundo colocado destacado são as notícias relacionadas a “lazer e cultura”, de modo que se observa a relevância do bairro na vida social local e o quanto a mídia ressalta isso. O fato é que, “embora as notícias representem determinados aspectos da realidade cotidiana, pela sua mera

existência, contribuem para construir socialmente novas realidades e novos referentes” (SOUSA, 2002, p. 13).

A criação desse referencial de violência urbana atrelada a esses bairros pode ser claramente percebida da série de notícias que iremos expor a seguir. Nos primeiros trechos, observamos que, quando a mídia se refere a episódios de violência em bairros nobres, dificilmente coloca em posição de destaque (chamada da notícia) o bairro específico da ocorrência. Vejamos:

**Homem morre após ser feito refém durante assalto em lavanderia na zona Sul de Natal**

Um homem que trabalhava em uma lavanderia morreu após ser feito de refém durante um assalto na noite desta segunda-feira (22) em Natal. Segundo a Polícia Militar, o suspeito do crime - identificado como sendo um foragido da Penitenciária Estadual de Alcaçuz - foi preso. Além dele, foram presas mais duas mulheres e apreendidos dois adolescentes, uma de 16 anos e um de 17 anos.

O caso aconteceu no bairro de Ponta Negra, na zona Sul de Natal. De acordo com a PM, o suspeito, identificado como Antônio do Nascimento, de 35 anos, invadiu a lavanderia com o rapaz de 17 e anunciaram o assalto. Nove funcionários estavam no estabelecimento no momento do crime.

(Tribuna do Norte On-Line, 23/06/2015)

**Exame de balística ajudará a esclarecer morte de gerente**

As armas usadas por policiais militares na ação que resultou na morte do gerente de uma lavanderia, em Ponta Negra, foram examinadas pelo Itep-RN, à pedido do delegado Fábio Rogério, titular da Delegacia Especializada em Homicídios, em Natal.

(...)

“Ouvimos as testemunhas, como os funcionários da lavanderia que estavam na hora. A tese de que o tiro partiu de um policial está sendo reforçada”, disse Fábio Rogério. “Mas é o resultado do exame de balística que, tecnicamente, será conclusivo”, disse. O resultado da balística não está pronto. O inquérito está na fase de oitivas e análise de evidências. Os policiais agiram para tentar libertar funcionários da lavanderia que estavam como reféns. João Maria Silva de Lima, segundo testemunhas, foi agarrado por trás por um dos criminosos e usado como escudo humano.

(Tribuna do Norte On-Line, 01/07/2015)

Como visto, o episódio de violência em questão ocorreu no bairro de Ponta Negra, bairro associado ao turismo e considerado região nobre no cenário natalense. A primeira reportagem faz referência apenas a uma “lavanderia na zona sul de Natal” em seu título, citando o bairro apenas no segundo parágrafo da notícia. A segunda reportagem, por sua vez, cita o bairro já no primeiro parágrafo, mas ainda assim em um tom meramente informativo, já que o destaque é para a investigação do crime em si, que ganhara certa repercussão no cenário local à época do ocorrido.

Nessa segunda reportagem, notamos ainda a presença de uma formação discursiva relacionada ao discurso jurídico/policial. Tal presença pode ser exemplificada pelo uso dos seguintes termos: “exame de balística”, “inquérito”, “oitivas” e “evidências”. A presença desse discurso pode ser vista como uma tentativa de aproximar o portal jornalístico da credibilidade inerente ao discurso jurídico/policial, reforçando seu poder de influência e de apuração de fatos, e dotando-o de um tom de verdade que torna seu leitor cada vez mais manipulável frente a um discurso tão bem elaborado. Discurso esse que completa sua credibilidade com o uso da palavra de autoridade (delegado), recurso comumente empregado para reforçar o posicionamento exposto pelo portal jornalístico.

Retornando àquela nossa perspectiva inicial da criação de estereótipos frente aos bairros de periferia, destacamos a seguir algumas notícias que relatam crimes ocorridos em um bairro típico de periferia da cidade de Natal. Trata-se do bairro Bom Pastor, recorrentemente presente nas páginas policiais dos jornais impressos e seções policiais dos portais jornalísticos *on-line* da cidade. Vejamos:

**Quadrilha faz arrastão e assusta motoristas no bairro do Bom Pastor**

Moradores do KM 6, no bairro do Bom Pastor, zona Oeste de Natal, viveram momentos de medo na noite da última terça-feira (9). Cerca de 10 homens armados realizaram um arrastão em trechos da rodovia BR-226, abordando ônibus e carros de passeio, o que assustou a população. (Tribuna do Norte On-Line, 11/06/2015)

**Jovem de 21 anos é morto a tiros no bairro do Bom Pastor, em Natal**

Um rapaz de 21 anos foi executado a tiros no final da tarde desta segunda-feira (27) no bairro do Bom Pastor, na zona Oeste de Natal. Segundo a Polícia Militar, Rafael Batista de Lima foi morto por dois homens que estavam em uma moto e fugiram. Ninguém foi preso. (Tribuna do Norte On-Line, 28/07/2015)

Diferentemente do observado anteriormente, o fato dos crimes terem ocorrido no bairro Bom Pastor imediatamente ganha conotação e destaque. Ainda no título das reportagens o nome do bairro surge enquanto informação de primeira relevância. Notamos que, o fato do jornal destacar o bairro nesses últimos casos, ao passo que nas notícias anteriores o bairro só aparecia no corpo do texto, advém de uma realidade construída pela mídia na qual a violência urbana atribuída ao bairro Bom Pastor é algo inerente a esse bairro, sendo impossível dissociar uma imagem negativa já existente.

Nesse caso, acreditamos que a situação posta só auxilia a reforçar o estereótipo da violência urbana e da marginalização dos bairros de periferia, os quais recorrentemente são associados a notícias de violência urbana e poucas vezes a notícias que destaquem pontos positivos do bairro. Em nosso cotidiano, facilmente encontramos pessoas que, ao ouvir o nome de tais bairros (dos quais citamos apenas um exemplo), já sentem uma sensação de insegurança e temeridade, o que denota a influência exercida pela mídia.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Do trabalho em questão só podemos chegar à conclusão por nós arrolada ainda enquanto hipótese, a de que a mídia constrói um discurso de violência urbana demasiada forte para a nossa realidade local, incutindo na população um imaginário de temor e insegurança constantes. Dado o grande poder que a mídia exerce na população, a construção desse discurso surte uma série de consequências que nem sempre é o que se espera de uma mídia ética e democrática.

Um dos exemplos dessa influência se concretiza quando observamos que a população tende a se afastar do cotidiano da cidade, já que todos temem a violência e evitam sair de casa ou frequentam apenas locais fechados. Sempre pensamos que o pior possa vir a acontecer, afinal, o pior acontece todos os dias e com quem menos se espera de acordo com o que vemos na mídia. Outro ponto é a criação de estereótipos que dificultam sobremaneira a vida daqueles que moram em bairros ditos de periferia. Na medida em que esses bairros são retratados prioritariamente por seus cotidianos de violência, medo e descaso público, a população em

geral tende a acreditar nessa realidade e a ser incapaz de enxergar pontos positivos existentes nessas localidades.

Por fim, podemos afirmar que o discurso da violência urbana é apenas um dos exemplos no qual o poder midiático se materializa, fato facilmente percebido em nossos cotidianos. Acreditamos que conhecer esse poder se faz relevante na medida em que nos deixa atentos a essa realidade manipulada pelo discurso da mídia, para que não sejamos tão facilmente influenciados e que possamos não nos deixar impressionar por esse espetáculo midiático.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Francisco Augusto Cruz de. **Imagens do medo na mídia: uma análise das representações da violência em Natal-RN**. 2013. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

ARAÚJO, Ricardo. Rio Grande do Norte é o 4º em morte de adolescentes. **Tribuna do Norte** [on-line], Natal, 01 julho 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/rio-grande-do-norte-a-o-4ao-em-morte-de-adolescentes/317887>>. Acesso em: 03 agosto 2015.

\_\_\_\_\_. Violência passa a fazer parte da rotina de Parnamirim. **Tribuna do Norte** [on-line], Natal, 07 junho 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/violencia-passa-a-fazer-parte-da-rotina-de-parnamirim/315709>> Acesso em: 03 agosto 2015.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

EXAME de balística ajudará a esclarecer morte de gerente. **Tribuna do Norte** [on-line], Natal, 01 julho 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/exame-de-bala-stica-ajudara-a-esclarecer-morte-de-gerente/317903>>. Acesso em: 03 agosto 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, Nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HOMEM morre após ser feito refém durante assalto em lavanderia na zona Sul de Natal. **Tribuna do Norte** [on-line], Natal, 23 junho 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/homem-morre-apa-s-ser-feito-refa-m-durante-assalto-em-lavanderia-na-zona-sul-de-natal/317198>>. Acesso em: 03 agosto 2015.

JOVEM de 21 anos é morto a tiros no bairro do Bom Pastor, em Natal. **Tribuna do Norte** [on-line], Natal, 28 julho 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/jovem-de-21-anos-a-morto-a-tiros-no-bairro-do-bom-pastor-em-natal/320248>>. Acesso em: 03 agosto 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. 198p.

“O CRIME está mandando”, diz PM vítima de assalto. **Tribuna do Norte** [on-line], Natal, 25 junho 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-o-crime-esta-mandando-diz-pm-va-tima-de-assalto/317370>>. Acesso em: 03 agosto 2015.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos 59)

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. 100 p.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso** (1969). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Unicamp, 1993, p. 61 a 151.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. 317p.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

POR INSEGURANÇA, unidade de saúde fecha as portas. **Tribuna do Norte** [on-line], Natal, 16 julho 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/por-insegurana-a-unidade-de-saode-fecha-a-s-portas/319217>>. Acesso em: 03 agosto 2015.

QUADRILHA faz arrastão e assusta motoristas no bairro do Bom Pastor. **Tribuna do Norte** [on-line], Natal, 11 junho 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/quadrilha-faz-arrasta-o-e-assusta-motoristas-no-bairro-do-bom-pastor/316110>> Acesso em: 03 agosto 2015.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó, SC: Argos, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. 2. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2005. (volume 1)

***Ricelle Fernandes Queiroz TINTIN***

Mestrando em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPgEL/UFRN)

***Adriano Lopes GOMES***

Professor Adjunto pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atua como pesquisador do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, na linha de pesquisa “Linguagem e Práticas Sociais”.

*Recebido em outubro/2016 - Aceito em julho/2017*